

**TRAJETÓRIAS QUE (RE) CONTAM HISTÓRIAS: OS
BRASIGUAIOS NA OCUPAÇÃO DA GLEBA SANTA IDALINA EM
IVINHEMA-MS (1984-1986)**

**TRAJECTORIES THAT (RE) TELL HISTORY: THE ROLE OF
BRASIGUAYOS IN THE OCCUPATION OF THE GLEBA SANTA BATE IN
IVINHEMA-MS (1984-1993)**

Nelson de Lima Junior*

RESUMO

O artigo tem como objetivo fazer algumas considerações acerca da ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema-MS, por um grupo de aproximadamente mil famílias de brasiguaios no ano de 1985. Procura-se fazer um mapeamento desses sujeitos fronteiriços, observando os motivos que influenciaram na ida para o Paraguai a partir da década de 1960 e posteriormente o retorno nos anos que se seguiram 1980, quando estes passam a ingressar nos movimentos de luta pela terra no Brasil. Sabe-se que os brasiguaios que ocuparam a Santa Idalina vieram do Paraguai para a cidade fronteiriça de Mundo Novo (MS), onde ficaram acampados cerca de seis meses, vivendo na “cidade de lona”, reivindicando um pedaço de chão. No ano de 1986, os mesmos se transferem para uma área pertencente a Sociedade de Melhoramento e Colonização (SOMECO S/A), conhecida como Gleba Santa Idalina, que já havia sido ocupada um ano antes por centenas de sem-terra. Assim, foi formado neste local o assentamento Novo Horizonte, que posteriormente dará origem ao município de Novo Horizonte do Sul. Neste sentido, esta ocupação marca o retorno dos *brasileiros* agora *brasiguaios* para o Brasil, sendo reconhecido como movimento que deu certo. Com relação às fontes que dão subsídios para a pesquisa destacam-se as orais e impressas como publicações do Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e do Jornal O Progresso.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira, Brasiguaios, Ocupação.

ABSTRACT

The article aims at making some considerations about the occupation of Gleba Santa Idalina in Ivinhema-MS by a group of about a thousand families of brasiguaios in the year 1985. We attempt at mapping these frontier subjects observing the reasons that influenced the march to Paraguay from the 1960s on and the later return in the years that followed 1980, when they join movements of struggle for land in Brazil. It is known that brasiguaios that occupied Santa Idalina came from Paraguay to the border town Novo Mundo (MS) where they camped for six months, living in the "canvas city" and claiming a piece of land. In 1986 they moved to an area belonging to the Sociedade de Melhoramento e Colonização (SOMECO S / A), known as Gleba Santa Idalina, that had been earlier occupied by hundreds of landless a year before . Thus was founded the settlement of Novo Horizonte, which later gives rise to the municipality of Novo Horizonte South. Accordingly, this occupation marks the return of *Brazilians* - now *brasiguaios* - to Brazil, being recognized as a successful movement. With regard to sources that supports the research we highlight the oral and printed publications such as the Jornal dos Trabalhadores Rurais Workers and the Jornal do Progresso.

KEYWORDS: Frontier, Brasiguaios, Occupation.

* Mestrando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nelson_ivi@hotmail.com.

A questão identitária dos brasiguaios

O conceito de fronteira é algo bastante amplo, que não se limita apenas a uma faixa imaginária que divide dois países. As fronteiras têm mudado significativamente seu traçado, sendo considerada como um espaço de aproximação e apropriação de culturas, pelo fato de proporcionar um articulações sociais entre os sujeitos fronteiriços. Deste modo, fronteira na concepção de Pierre Bourdieu (2010) é um espaço simbólico, espaço de existência de conflitos, algo praticado pelo sujeito, praticada nas narrativas de autores, de personagens, sendo influenciada por fatores: políticos, econômico, social, culturais e principalmente identitário. As fronteiras nacionais são lugares de controle e de travessia, lugares de movimento de pessoas que cruzam os limites e configuram outras fronteiras, são os sujeitos transfronteiriço, ou seja, o indivíduo não encontra-se mais desencontra-se. Por isso, a fronteira é o local da alteridade.

Percebe-se assim, que o próprio conceito de *fronteira*, possui inúmeras definições, como: espaço de movimento, entre lugar, fronteira cultural (articulações sociais entre culturas), espaço praticado, lugar de transição, espaço simbólico, espaço de existência de conflitos, espaço de aproximação, entre outros. Assim, o conceito muda com o espaço em que está empregado. Aqui, a noção de fronteira está relacionada ao espaço em movimento entre o Brasil e o Paraguai e suas múltiplas relações, que norteiam os nossos atores históricos: os brasiguaios. Segundo Martins (2012):

O sentido de fronteira vai além da geografia: “Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteiras da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E sobretudo, fronteira do humano”. (MARTINS, 2012, p.11).

Identidade e representação se entrelaçam dentro da perspectiva fronteiriça, principalmente quando estamos tratando da construção de um sujeito. Identidade que para Foucault é um composto produzido por relações de poder. Deste modo, o que define o sujeito brasiguai em um primeiro momento é a relação de pertencimento há um determinado grupo. Identidade esta que se caracteriza pela diferença. Assim, os brasiguaios iram se constituir a partir do *outro*, aqui representados pelos brasileiros. Silva (2000) afirma:

Esta identidade marcada pela diferença tem símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo, mulher e quem não é. Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam tem causas e consequências materiais. Por exemplo, “os homens tendem a posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência, sendo assim as mulheres são as significantes de uma identidade masculina partilhada. A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares” (SILVA, 2000, p.10, 11).

Todavia quem são os brasiguaios? Serão os brasileiros que possuem terras em ambos os lados da fronteira? Serão os brasileiros que imigraram para o Paraguai no anseio de adquirir terras mais baratas nas décadas de 1960 a 1980? Serão os pequenos agricultores camponeses que possuem pequena área de terra do outro lado da fronteira em consequência da expulsão pelos latifundiários e a modernização da agricultura em solo brasileiro? Serão os imigrantes brasileiros que foram “expulsos” do Paraguai e hoje se encontram envolvidos em movimentos de luta pela terra em solo brasileiro? Estas são algumas das indagações a respeito da construção deste sujeito.

A partir de uma análise bibliográfica é possível observamos várias discussões a respeito da “categoria brasiguai”. Os jornais que circulam no Brasil, tratam os brasiguaios como um grupo social constituído por milhares de famílias brasileiras que se deslocaram para a fronteira leste do Paraguai na década de 1970 a partir da expulsão por parte do aumento da monocultura e dos latifúndios no Brasil e com a construção da usina de Itaipu, que passam a enfrentar em solo estrangeiro sérios problemas com relação a documentação, titulação de terras, desapropriações, conflitos etc. Já os jornais de circulação no Paraguai, definem os brasiguaios como: grandes proprietários e invasores que ocuparam terras de camponeses paraguaios. Deste modo notamos aqui uma dicotomia, entre os discursos produzidos pela imprensa brasileira e paraguaia. Sabendo que quando trabalhamos como narrativas orais e jornais, devemos nos ater aos discursos e as representações.

Todavia, alguns pesquisadores procuram estudar os brasiguaios a partir de outros vieses, buscando não estabelecer uma visão homogeneizada sobre esta categoria histórica. Como exemplo, pode-se citar: Cácia Cortez (1994), que busca ver os brasiguaios a partir do estabelecimento da monocultura no sul no Brasil; Luiz Carlos Batista (1990) que se detém a analisar o mercado de terras no oeste do Paraná e na fronteira leste do Paraguai; Carlos Wagner (1990), busca evidenciar a questão política

envolvida no processo de imigração, mostrando os pontos ligadas a terra fartas e facilidades para o trabalho além fronteira.

José Luiz Alves (1990) trabalha com as perspectivas políticas que permeiam as ditaduras dos dois países e a questão agrária; João E. Fabrini (2012) define os brasiguaios como sujeitos sociais territorializados precariamente, meio brasileiros e meio paraguaios; Carlos Alberto Ferrari (2007) sintetiza que estes, são brasileiros eliminados do mercado de trabalho no Paraguai e, retornam para o Brasil em busca de melhores condições de vida; Marcia Anita Sprandel (1992), que analisa o surgimento da identidade brasiguai a partir da mobilização política de famílias camponesas que retornam organizadamente ao Brasil em 1985, definindo os brasiguaios como um grupo étnico em situação de fronteira; Leandro Baller, em sua dissertação de mestrado intitulada “Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)”, define os brasiguaios como atores indefinidos, a partir de uma análise do processo imigratório de brasileiros para o Paraguai.

Cabe destacar que quando tratamos os Brasiguaios na condição de imigrantes estamos definindo-os como agentes transitórios.

A imigração faz parte da história e da vida do homem, e foi por meio delas que novas culturas nasceram e novos sujeitos sociais apareceram. A imigração de pessoas em busca de melhores dias, por exemplo, resulta de um processo de expansão do meio físico para a monocultura e a automação do trabalho, surgiu como esperança e possibilidade de uma vida, mesmo que em território estranho, como é o caso dos brasiguaios (FERRARI, 2007, p. 118).

A categoria brasiguai surge a partir da problemática migratória de brasileiros em direção ao Paraguai e da constituição de um grupo que se forma com o objetivo de lutar pela terra. A denominação *Brasiguai*, neste sentido, configura-se enquanto “bandeira” de luta para se diferenciar dos demais movimentos.

Deste modo, os *Brasiguaios*, aqui, são entendidos como sujeitos sociais territorializados precariamente no Paraguai e em meio as dificuldades como: violência, coerção e exploração, retornam para o Brasil para lutar pela reforma agrária, usando esta denominação para se diferenciar dos demais movimentos de lutas pela terra como o MST, CUT, FETAGRI, entre outros, pois acreditavam que assim pudessem estar à frente dos outros movimentos.

A busca pela terra além fronteira (1960-1970)

Na década de 1960 cerca de aproximadamente 350 mil brasileiros imigraram de regiões do nordeste para o Paraguai com o anseio de conseguir emprego, propriedades e melhores condições de vida. Para o governo do Paraguai está migração significa o ganho de mão-de-obra especializada e barata, já para o governo brasileiro ter emigrantes além fronteira poderia garantir o cumprimento de acordos feitos por ambos países.

Cabe destacar, que de 1950 a 1970, o Brasil se articulou para uma aproximação com o país vizinho, com o objetivo de consolidar sua hegemonia no continente. Tendo em vista que havia uma disputa entre o Brasil e a Argentina em torno da realização de acordos com o Paraguai. Desde modo, a relação entre o Brasil e o Paraguai se estreitam pelo fato de que ambos os países estavam sendo governado por militares, com a construção de estradas que os ligam definitivamente os dois países, a inauguração da Ponte da Amizade (permitindo ao Paraguai ter acesso ao Oceano Atlântico via Brasil) e a construção da Usina de Itaipu.

Os brasileiros neste período vão trabalhar nas empresas de colonização do Paraguai, haja vista, que na década de 1950 e 1960 o governo de Alfredo Stroessner intensificava o seu projeto de ocupação dos espaços “vazios” com o objetivo de colonizar e expandir o território Paraguaio. Alguns ainda adquiriram terras, passando a cultivar principalmente hortelã para comercializar com os japoneses.

Todavia, a partir dos anos 70 o governo de Stroessner coloca em prática a segunda etapa de seu projeto, tendo agora como foco o Alto Paraná e a venda de terra. As propagandas de cunho político realizada pelo Paraguai, conseguiu chamar a atenção de inúmeras famílias brasileiras, sendo em suma do Estado do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Essas pessoas que possuíam propriedades no Brasil, mas que não estavam conseguindo competir com os grandes latifúndios e a mecanização da agricultura, bem como os camponeses que tiveram suas propriedades alagadas pela construção da Usina de Itaipu,¹ imigram para o Paraguai. Marcia Anita Sprandel, ressalta que:

¹ O total de desapropriações exigidas por Itaipu chega a oito mil propriedades, desalojando 40 mil famílias que, de acordo com o documento elaborado em assembleia, na cidade de Marechal Cândido Rondon, no mês passado, exigem a implantação de programas de reforma agrária, em latifúndios por exploração e extensão, existentes no Paraná, a fim de que seja promovido o reassentamento dos proprietários, parceiros, arrendatários e assalariados atingidos pela barragem de Itaipu (*O Estado de São Paulo*, 1979, p. 9).

A opção pelo Paraguai parece ter se configurado antes como possibilidade de acesso a novas áreas de terras agricultáveis, da melhor qualidade, pelas condições facilitadas. Essas terras situam-se muito próximas ao Brasil, e esse se faz presente nas transmissões de rádio e televisão. Além disso, é permanente o contato social e econômico com cidades paranaenses e sul mato-grossense, limítrofes (SPRANDEL, 1992, p.4).

Estes colonos venderam suas propriedades no Brasil e adquiriram no Paraguai, passando a cultivar principalmente feijão, arroz, milho, mandioca, cana, soja e algodão. A produção da soja vai desencadear um crescimento da produção agrícola e modernização dos meios de produção. A partir deste momento nota-se uma imigração em massa para o Paraguai:

O trânsito de agricultores pela aduana paraguaia da Foz do Iguaçu era contínuo e desordenado. Maquinas, animais e homens entravam no Paraguai como se estivessem indo para outro Estado brasileiro. Nas rádios das cidades do interior do Brasil, principalmente as gaúchas pipocavam entrevistas de colonos que alardeavam ter ficado ricos da noite para o dia naquele país. Mas o quadro não era bem aquele que estava sendo pintado pelos colonizadores (WAGNER, 1990, p. 18).

Os imigrantes brasileiros passaram a se estabelecer nas regiões: Norte, “Salto del Guaira, La Paloma, Puente Kyha, Corpus Christi e Phovy, no Leste Marangatu, no Oeste em Maracaju, no Sul, onde começou a emigração na região do Alto Paraná, em Santa Rosa, Esquina Gaúcha, Raul Penha e Laranjal (WAGNER, 1990, p. 20). As terras adquiridas não possuíam escritura, era apenas emitido um título que por sua vez não garantia a posse. Já os brasileiros, conseguiam se manter “legalmente” no Paraguai, somente com a renovação do permício, documento que reconhecia-os como turistas no país guarani. Segundo o Sr. Jovencino Francisco dos Santos, brasileiro que imigrou para o Paraguai na década de 1970, havia três tipos de documentos que garantiam a permanência no Paraguai: “tinha que ter primeiro a libreta que eles falava, depois o permício e uma carteirinha que tinha lá no Paraguai, que tinha que pagar todo ano”.²

No entanto, com o passar dos anos começaram a surgir os primeiros problemas que vão acarretar no retorno destes brasileiros ao Brasil, podendo destacar como exemplo: a imposição de um governo ditatorial, violência policial, falta de documentos das propriedades rurais, emigrantes ilegais, baixo preço da soja e do algodão, pressão dos latifundiários sobre os camponeses para vender suas propriedades.

A década de 70 e 80 neste sentido irá marcar o período de retorno destes brasileiros, os quais retornam ao seu país de origem sem posses e sem saber qual é sua

² Entrevista oral realizada em 25/06/2014, em Novo Horizonte do Sul.

identidade. Nota-se que neste intervalo de tempo começam a surgir no Brasil com maior intensidade os movimentos de luta pela terra, podendo citar como exemplo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)³ e entidades de apoio aos movimentos como a Comissão Pastoral da Terra (CPT).⁴ As dificuldades dos camponeses começam a aparecer mediante a concorrência com os latifundiários, o avanço das lavouras mecanizadas e a cultura da soja. Sem ter como competir com os grandes produtores, estes vendem suas propriedades inclusive para sanar suas dívidas. Desde modo, um dos motivos principais de “repuxão” dos brasileiros do Paraguai está ligado também há:

Precária e frágil institucionalização, a ausência do Estado na garantia de direitos e, principalmente, as irregularidades na documentação das terras [...] São inúmeros os casos de pequenos agricultores que compraram direitos de posse ou adquiriram de boa-fé terras grileiras, com documentação de propriedade sem validade jurídica e não reconhecida pelos órgãos oficiais paraguaios (FABRINI, 2012, p.2).

Estes Brasileiros que migraram para o país vizinho na tentativa de buscar um meio de reprodução social com a terra, coisa que o Brasil não lhes oferecia a partir da década de 1950, encontraram uma realidade totalmente diferente no Paraguai. No país vizinho sofreram com a opressão e exploração por parte do governo paraguaio, neste contexto de dificuldades, os brasiguaios iniciam a luta de retorno para o Brasil. Deste modo estes indivíduos começam uma luta pela terra em solos brasileiros, participando de movimentos sem-terra, levantando acampamento, organizando ocupações etc.

Para o retorno ao Brasil, os brasiguaios utilizaram duas “trilhas”, sendo uma por Foz do Iguaçu, que faz fronteira com o Alto Paraná e outra por Mundo Novo, oeste de Mato Grosso do Sul. Os brasiguaios se instalam principalmente nos Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. Ambos os processos possuem diferenças, dentre elas: no Paraná o retorno ocorreu de forma desorganizada e sofreu com a repressão do governo brasileiro. Em compensação Mato Grosso do Sul por ser um Estado latifundiário foi procurado como primeira opção e a imigração ocorreu de forma organizada pelo MST.

³ Sua origem localiza-se no agravamento das condições de vida e trabalho de trabalhadores no campo e no desenvolvimento crescente no campo e nas cidades. A não realização da reforma agrária prometida em 1964 com o Estatuto da Terra e a colonização oficial, atraindo e depois abandonando os colonos em áreas de produção, fizeram crescer a decisão “nós precisamos conquistar a terra, em nossa região”. Fonte: A violência da luta pela terra. In: Comissão Pastoral da Terra. Caderno da CPT, Goiânia- GO, 1986, p.2.

⁴ Em 1975 reuniram-se em Goiânia alguns bispos, padres, irmãs e leigos e discutiram a problemática da terra no Brasil. Uma das propostas aprovadas foi a criação da Comissão Pastoral da Terra, uma organização de Igrejas que procura acompanhar a situação dos lavradores. Caderno da CPT, Goiânia- GO, 1982, p. 1.

Deste modo que no Paraná os brasiguaios vão enfrentar grandes dificuldades para se estabilizarem, passando a ocupar as periferias das cidades e os assentamentos do MST, vivendo em condições precárias e alta taxa de desempregado e salários baixos. Porém quem são estes brasiguaios que retornam?

Eles são, na sua maioria, filhos de pequenos produtores que não conseguiram acumular dinheiro para aumentar suas posses e, com isso, dar condições aos seus de ficarem na terra; também são remanescentes dos primeiros agricultores que haviam colonizado aquele país. Estes eram de comunidades localizadas nas cidades de Santa Rosa, Canandu, Cuerpo Christi, Alvorada, Guaivirá, Santa Clara, Figueira, Maracajú, Caarapã, Ponte Kirrá e Guadalupe. Após retornarem para o Brasil, mais especificamente para o Estado de Mato Grosso do Sul se concentram em suma nas cidades de: Amambaí, Sete Quedas, Naviraí e Mundo Novo. Cabe destacar, que aqui estamos tratando de um processo relacionado ao Estado de Mato Grosso do Sul, não abordando assim a presença em massa de brasiguaios também no Estado do Paraná, o qual não serão enfatizados neste momento.

Os brasiguaios na ocupação da Gleba Santa Idalina

Os brasiguaios, como são conhecidos os imigrantes brasileiros que se deslocam para o Paraguai, se apresentam as lideranças políticas brasileira no ano de 1985, quando aproximadamente mil famílias instaladas em um acampamento no pátio da prefeitura de Mundo Novo (MS), publicam um documento intitulado “Carta a população”, onde consta a realidade vivida por estes além fronteira e o anseio dos mesmos por adquirir um pedaço de chão em solo brasileiro. Como mostra o trecho abaixo:

QUESTÃO DA TERRA: A gente comprava a terra e pagava. Recebia um título. Depois de algum tempo vinha alguém dizendo que o documento não valia. Tinha que pagar a terra de novo. Teve companheiros que pagaram a terra 3 vezes, 5 vezes, até 8 vezes. No final muitos companheiros foram despejados, presos e pra complementar foram expulsos perdendo tudo. É o caso do companheiro Francisco Teixeira, José Yamashita e outros (CARTA A POPULAÇÃO, *Mundo Novo*, 21 de junho de 1985).

A organização do movimento se deu em terras paraguaias, quando as famílias foram cadastradas e organizadas.

[...] no Paraguai, eles conseguiram montar uma rede de informações que funcionava nos dois sentidos- Brasil e Paraguai- e criaram liderança em cada grupo de dez famílias. Tem mais: cada vez que era feito um movimento de saída do Paraguai, eram escolhidas famílias dentro destes grupos. Não saíam todas de uma só vez. São escolhidas duas por vez. E as que saem são substituídas por outras que passam por todo um processo de discussão

política de sua situação. Este esquema de trabalho dá uma certa segurança para o pessoal do movimento (WAGNER, 1990, p. 31, 32).

O Deputado Sergio Cruz, que acompanhou todo o processo de retorno, narra dessa forma:

(...) olha, essa, essa volta foi feita mais em Mundo Novo pelo um movimento de cedente de um sindicato lá de Mundo Novo, o Sindicato dos Trabalhadores de Mundo Novo e que fez há, que fez essa mobilização pra volta, inclusive contra o próprio sindicato, o sindicato tinha uma posição contrária a volta dos brasiguaios, porque o movimento sindical totalmente ligado ao governo do estado, o Pedro Ramalho, todo aquele povo era ligado ao sindicato do estado, eles era contra a volta, a vinda dos brasiguaios, primeiro porque era um movimento que eles tinham perdido o controle né, o sindicato tinha perdido o controle. Foi um movimento que surgiu mais ou menos espontâneo, teve a participação do sindicato, o sindicato então não apoiava o movimento, primeiro porque não tinha o controle de política e segundo porque eles defendiam que o processo de reforma agrária deveria ser feito por brasileiros que estavam aqui no Brasil e não brasileiros que estavam fora. Então, quer dizer, era um política de um Brasil Novo, eles criaram vários nomes para confrontar com brasiguaios, porque eles achavam que primeiro deveriam atender os brasileiros que reivindicavam aqui e depois trazer no caso os brasiguaios. [...]a organização, as decisões foram tomadas dentro de Mundo Novo e não só em Mundo Novo, como em Paranhos e algumas cidades da fronteira. O centro da atividade política era em Mundo Novo, então ali que o pessoal, ali que o pessoal decidia, agora as decisões eram tomadas pelos próprios brasiguaios. Tinha uma base de apoio lá em Mundo Novo desse pessoal de sedente, do sindicato, mas todas as decisões eram tomadas pelo próprio pessoal que estava dentro do Paraguai (Entrevista realizada em 21 de julho de 2014).

Nota-se que a partir da década de 1980, os movimentos de luta pela terra de caráter popular, passaram a contar com o apoio de organizações que visavam o apoio político e organizacional como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e os Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Uma das propostas cunhadas para o retorno, era por meio da ocupação de áreas consideradas ociosas. O acampamento em Mundo Novo ou a “cidade de lona”, como ficou conhecido, passou a receber a partir de audiências públicas com o Ministro da agricultura da época Nelson Ribeiro, alimentação e promessas de desapropriação de uma área para instala-los. Todavia, estes não tinham apoio do Governador Wilson Barbosa Martins, que por sua vez, culpava a CPT por trazer os brasiguaios. Fato este, que produziu várias discussões entre o Bispo Diocesano de Dourados Dom Teodoro Leitz e o Governador Wilson Barbosa Martins nas páginas do Jornal O Progresso de Dourados. A nota abaixo traz um dos vários depoimentos do Bispo, sobre sua participação no movimento:

O bispo diocesano de Dourados, dom Teodardo Leitz reiterou ontem que não teve; qualquer tipo de participação no retorno dos brasiguaios, atualmente acampados em Mundo Novo, desmentindo informações que circulam no Estado, de ser a Comissão Pastoral da Terra (CPT) a incentivadora deste êxodo, que trouxe mais de 900 famílias do Paraguai. - “Não os chamei e não assumi nenhuma responsabilidade de manutenção desta gente” (*JORNAL O PROGRESSO*, 21-22 de setembro de 1985, p.3).

Enquanto os brasiguaios de Mundo Novo (MS) esperam o cumprimento da promessa de terra, vão aumentando a organização nos acampamentos com a formação de várias comissões responsáveis pela saúde, alimentação, higiene dos barracos, segurança, negociação e cadastramento. Neste período, cresce o número de pessoas acampadas na cidade de Iona, uma vez que a notícia do acampamento se espalha em solo paraguaio, colaborando para a vinda de mais pessoas. Em um mês, o pátio da prefeitura de Mundo Novo, se tornou uma cidade dentro do próprio município. Neste mesmo período são criados novos assentamentos de Brasiguaios em vários municípios do Estado de Mato Grosso do Sul.

Em Mundo Novo (MS), com o passar dos meses, começaram a aparecer as primeiras consequências do imenso agrupamento de pessoas em uma pequena área. Devido à falta de assistência médica, pouca alimentação em dois meses segundo dados da CPT⁵ já haviam registrados 24 mortes (20 crianças e quatro adultos) por diarreia, desidratação e desnutrição. O jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, traz em uma publicação de 1985 que: “Após 10 dias sem comida, os lavradores cercaram os caminhões de mantimentos e só os liberaram quando receberem os alimentos”. Essas dificuldades encontradas, vão impulsionar os brasiguaios na realização de manifestações principalmente na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande. As ocupações de terras, desta forma, vão surgir como uma resposta a promessas de reforma agrária não realizadas.

Depois de quatro meses e meio de acampamento, os brasiguaios de Mundo Novo, recebem a notícia de que serão desapropriadas duas áreas de 13.621 hectares da Fazenda Horizonte e 4.840 hectares da Fazenda Escondido, ambas em Ivinhema. Ainda era pouca a terra oferecida a estes. Deste modo, é feita a organização para o deslocamento para este território conhecido também como Gleba Santa Idalina⁶, que já

⁵ A violência da luta pela terra. In. 1985, conflitos de terra no Brasil. Comissão Pastoral da Terra. Caderno CPT, Goiânia- GO, 1986.

⁶ A primeira ocupação ocorreu em 29 de abril de 1984, onde grupos de posseiros, colonos, sem-terra que residiam nas cidades de: Mundo Novo, Caarapó, Batayporã, Itaquirai, Eldorado, Naviraí, Taquarussu, Nova Andradina, Dourados, Fatima do Sul e Ivinhema, ocuparam esta área pertencente a Sociedade de Melhoramento e Colonização (SOMECO S/A). Após o deslocamento e a ocupação, os integrantes do

havia sido ocupada um ano antes, porém sem êxito. O transporte dos brasiguaios foi realizado por meio de ônibus e caminhões.

Os brasiguaios assim, passam a ocupar a Gleba Santa Idalina, até o momento em que o Governo do Estado e os representantes do INCRA⁷ e do Ministério da Agricultura der a posse definitiva aos camponeses. Segundo dados coletados em trabalho de campo, o Governador Wilson Barbosa Martins, tentou inúmeras vezes expulsar novamente estes, deste território, porém os brasiguaios tinham o apoio do Ministro Nelson Ribeiro, mas não podiam planar e colher nestas terras até a divisão dos lotes. A posse da terra, dos brasiguaios só aconteceu em junho de 1986, quando foi feita a distribuição dos lotes há 700 famílias, porém várias famílias continuaram ainda sem terras. Cabe destacar que os últimos títulos, foram entregues no ano de 2013.

Considerações Finais

A ocupação da Santa Idalina é considerada um marco na luta pela terra no Brasil, pelos brasiguaios, principalmente por estes terem conseguido o direito de obter pequenas propriedades rurais que vão fazer parte de um projeto do governo conhecido como “assentamento Novo Horizonte do Sul”, o qual vai colaborar na emancipação do município de Novo Horizonte do Sul em 1992, conhecido até os dias atuais como “cidade dos brasiguaios”.

A luta dos brasiguaios se tornou uma luta pela ampliação dos espaços políticos dos trabalhadores. Toma como referência a terra que para estes representa o sustento da família, uma forma de subsistência. Aqui o trabalho representa, não apenas uma atividade, mas uma concepção do vivido. Neste sentido, algumas ocupações de terras vão surgir como alternativa e resposta às políticas de reforma agrária.

A luta pela terra está enraizada nos movimentos sociais do campo, como forma de resistência e de sustentação da vida camponesa, que se desenvolve na organização de famílias e ganha fortalecimento e maior visibilidade pública nas ocupações de terras. Quanto a este último aspecto, incorporo a ideia defendida por Martins (1988), onde o

movimento se instalam e montam acampamento. Porém, a Colonizadora Someco entra na justiça com um mandado de despejo, que é aprovado pelo Juiz. O acampamento fica todo cercado por policiais e jagunços da colonizadora, onde ninguém podia entrar e nem sair, a não ser alguns representantes da CPT. Os colonos permaneceram ainda quinze dias no acampamento, quando foram despejados, sem ter para onde ir, estes vão para o pátio da Igreja Matriz do município de Ivinhema, onde recebem alimentação. Em seguida o Bispo de Dourados Dom Teodoro Leitz, oferece as quase mil famílias uma área de aproximadamente 3 hectares na Vila São Pedro em Dourados, onde estes ficam acampados esperando alguma resposta do Governo.

⁷ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

mesmo, nos mostra que a terra deve ser vista, como um instrumento de trabalho e não como propriedade no sentido dominante.

Por meio das ocupações de terras, os sem-terra colocaram na discussão política a questão da devolutividade das terras, ou seja, territórios com documentações duvidosas, como no caso da Gleba Santa Idalina, em Ivinhema (MS), uma extensa gleba de terra ociosa.

Referências Bibliografia

ALVES, J. L. *Brasiguaios: destino incerto*. São Paulo: Global, 1990.

BALLER, Leandro: *Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.

BATISTA, L. C. *Brasiguaios na fronteira: caminhos e lutas pela liberdade*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHEDID, Daniele Reiter. *A alteração das relações de vizinhança entre o Brasil e Paraguai: a aproximação cultural como política (1950-1970)*. In: Dilemas e diálogos platinos. Orgs: Angel Nuñez, Maria Medianeira Padoin, Tito Carlos Machado. ed. UFGD, Dourados-MS, 2010.

CORTÊZ, C. *Brasiguaios: os refugiados desconhecidos*. s. l.. Brasil Agora, 1994?

FABRINI, João E. *Campesinato e agronegócio na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – Artigo DATALUTA: novembro de 2012.

FERRARI, Carlos Alberto. *Os brasiguaios na fronteira: luta pela terra, violência e precarização do trabalho no campo e na cidade*. Pegada, vol. 8 nº 2, 2007.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SPRANDEL, M. A. *Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado) – PPGAS, Museu Nacional.

SPRANDEL, M.A. *Brasileiros na fronteira com o Paraguai*. Estudos avançados, vol.20 n°57, São Paulo, 2006.

WAGNER, Carlos. *Brasiguaios: homens sem pátria*. Petrópolis: Vozes, 1990.

Fontes

CACIA, Cortez. A travessia do Rio dos pássaros: ocupação da Gleba Santa Idalina em Ivinhema-MS.BH,1985

Cadernos CPT, Ano I n°2, Agosto de 1982, Goiânia-GO.

Cadernos CPT, Ano V n° 2, Agosto de 1986, Goiânia-GO.

Carta a População. Mundo Novo, 21 de junho de 1985.

Fontes

Entrevistas Orais

ENTREVISTA: Jovencino Francisco dos Santos (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 25/06/2014: 21 min. (sonorização).

ENTREVISTA: João Francisco dos Santos (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Novo Horizonte do Sul: 25/06/2014: 27 min. (sonorização).

ENTREVISTA: Sergio Cruz (Digital) Produção: Nelson de Lima Junior, Campo Grande: 21/07/2014: 50 min. (sonorização).

Jornais

Uma longa caminhada pela terra. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Julho de 1985, Ano IV, n°45, p.7.

Assentamento sai em seis meses. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Agosto de 1985, Ano IV, n°46, p.7.

Brasiguaios exigem assentamento imediato. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Setembro de 1985, Ano IV, n°47, p.7.

É pouca terra oferecida aos brasiguaios. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Outubro de 1985, Ano IV, n°48, p.6.

No Mato Grosso do Sul, começa o assentamento de brasiguaios. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Dezembro de 1985, Ano IV, n°49, p.6.

Posse da terra vira ato político. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Março de 1986, Ano V, n°50, p.7.

Tem terra de sobra para desapropriar. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Abril de 1986, Ano V, n°51, p.9.

Brasiguaios vêm, vencem e comemoram. *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, Julho de 1986, Ano V, n°54, p.8.

Hoje, ato público na praça pela reforma agrária. *Jornal O Progresso*. Dourados, Setembro de 1985, Ano 35, nº4057, p.1.

___ Dom Teodardo nega responsabilidade pela volta dos brasiguaios. p.3.

Estado possui áreas viáveis para o assentamento de todos os sem-terra. *Jornal O Progresso*. Dourados, Agosto de 1985, Ano 35, nº4125, p.2.

Wilson diz que políticos não devem faturar em cima da reforma agrária. *Jornal O Progresso*. Dourados, Agosto de 1985, Ano 35, nº4132, p.2.

Brasiguaios já tem área: Gleba Santa Idalina foi desapropriada. *Jornal O Progresso*. Dourados, Outubro de 1985, Ano 35, nº4175, p.1.

Final Feliz para os brasiguaios, sem terras de Naviraí aguardam vez. *Jornal O Progresso*. Dourados, Dezembro de 1985, Ano 35, nº4213, p.1.

Os desapropriados querem novos acordos com Itaipu. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1979, p. 9.

Recebido em 14/8/2014/
Aprovado em 07/12/2014.